

A close-up photograph of a hand holding a brush with a wooden handle and light-colored bristles, cleaning a dark, textured surface, likely an archaeological site. The background is a sandy, light brown soil. The image is overlaid with a semi-transparent orange circle on the left and a larger semi-transparent orange circle at the bottom right. A vertical line of white dots runs down the left edge of the page.

Cartilha de Apoio Didático

ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Aline Bertoncello
Bruna Schneider
Silvano Silveira

Projeto:

Projeto de Monitoramento arqueológico na área de implantação da
PCH Canhadão, município de Mangueirinha/PR.

Realização:



Apoio:



Em atendimento:



A elaboração desta cartilha foi feita através de acordo com o Termo de Ajustamento de Conduta
(TAC) aplicado pelo IPHAN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bertoncello, Aline
Arqueologia e patrimônio [livro eletrônico] /
Aline Bertoncello, Bruna Schneider, Silvano
Silveira. -- 1. ed. -- Videira, SC : Êxito Editora
e Comunicação, 2022. -- (Cartilha de apoio didático)
PDF.

Bibliografia.
ISBN 978-65-89384-22-9

1. Arqueologia 2. Patrimônio cultural
3. Patrimônio histórico - Conservação e restauração
I. Schneider, Bruna. II. Silveira, Silvano.
III. Título IV. Série.

22-130383

CDD-930.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Arqueologia 930.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Caro professor, esta cartilha foi elaborada pela Arqueoeste Consultoria, com recursos financeiros do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) aplicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) à empresa Canhadão Geradora de Energia.

Nosso material visa subsidiar as atividades em sala de aula relacionadas ao estudo arqueológico. Aqui você encontrará informações sobre a ciência da arqueologia e os povos pré-coloniais do Sul do Brasil, além de sugestões de atividades e leituras importantes sobre esta área.

Quando falamos em arqueologia, a primeira imagem que vem em mente são as pirâmides do Egito, pirâmides Maia no México, ou até mesmo o Indiana Jones e seu chicote.

Mas será que a arqueologia está tão distante de nós? Será que na sua região não existe arqueologia?



Afinal... o que é essa tal de Arqueologia?

É a ciência que estuda os vestígios deixados pelos grupos humanos.

É por meio dela que os arqueólogos compreendem o modo de vida dos antigos grupos que viveram nesta região. A região Sul do Brasil possui registros de até 12.000 anos antes do presente, e você está convidado a fazer uma viagem no tempo para conhecer os primeiros habitantes da região!

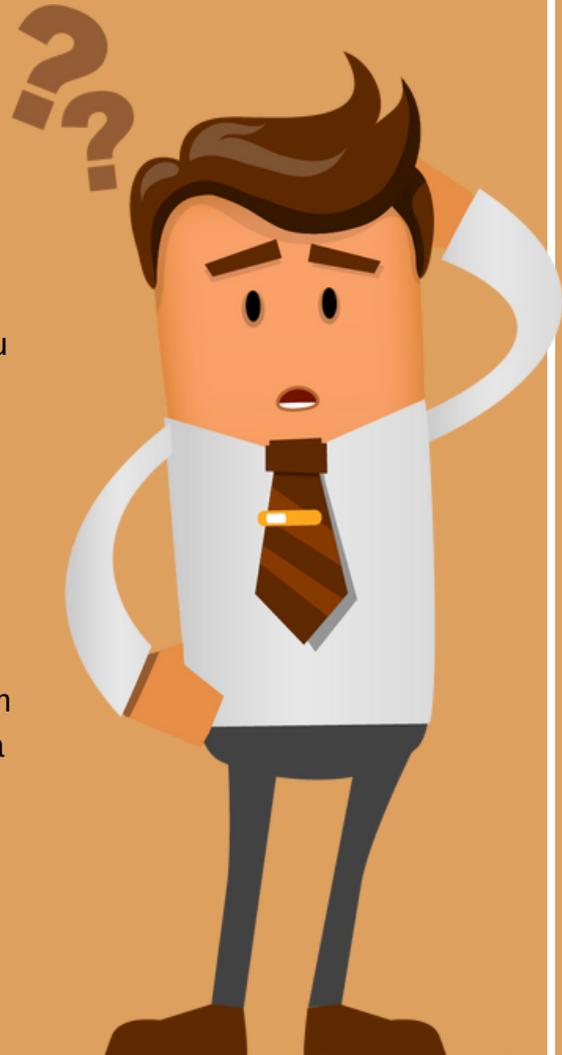
Dúvidas Frequentes:

O que é um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC)?

É um instrumento que visa descontinuar uma situação que viola qualquer direito coletivo, com objetivo de reparar os danos acontecidos. No caso da violação do Patrimônio Cultural, o IPHAN é responsável pela aplicação do TAC, por meio da lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985, e decreto nº 9.238, de 15 de dezembro de 2017, e portaria nº 159, de 11 de maio de 2016.

Por que existem Estudos Arqueológicos vinculados ao Licenciamento Ambiental?

O Licenciamento Ambiental é uma exigência prevista em lei para qualquer empreendimento ou atividade que degrade o meio ambiente. Foi instituído no Brasil a partir da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e com o passar do tempo outras legislações, decretos e instruções normativas passaram a integrar no âmbito do licenciamento ambiental. A resolução Conama nº 001, de 23 de janeiro de 1986, demonstrou preocupação com o patrimônio arqueológico, com a Portaria 230/2002 o estudo arqueológico ganha diretrizes dentro do licenciamento ambiental, sendo aprimorada por meio da IN 001, de 25 de março de 2015.



O que é Patrimônio Cultural?

É o conjunto dos bens culturais produzidos pelas comunidades humanas ao longo do tempo, em diversos espaços. Todas as ações humanas, consideradas como referências de memória e identidade para um determinado grupo social, podem ser consideradas como bens culturais.

(Constituição Federal de 1988 - Art. 216)

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Patrimônio Imaterial

Refere-se as práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas, e os lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).



Patrimônio Material

Conjunto de bens culturais concretos, ou seja, que podem ser tocados e são classificados segundo sua natureza: arqueológicos, paisagísticos e etnográficos, históricos, belas artes e artes aplicadas. Podemos dividi-los em móveis (como acervos arqueológicos e coleções museológicas) e imóveis (como sítios arqueológicos e cidades históricas).



O que é Patrimônio Arqueológico?

São vestígios materiais que foram elaborados por grupos humanos do passado. Alguns exemplos considerados hoje como patrimônio arqueológico são restos de moradias, utensílios domésticos, restos faunísticos utilizados pelos grupos, ferramentas de trabalho que foram deixadas nos locais em que viveram ou trabalharam.

(Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961 - Art. 2)

Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

- a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico, a juízo da autoridade competente;
- b - os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c - os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleontológico;
- d - as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimento de utensílios e outros vestígios de atividades de paleoameríndios.

O Patrimônio Arqueológico é protegido pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, que proíbe em todo o território nacional sua destruição, mutilação ou aproveitamento econômico, de modo que tais ações são consideradas como crimes contra o Patrimônio Nacional e por tanto seus autores podem ser punidos legalmente.

ARQUEOLOGIA



Arqueologia é a ciência que estuda os vestígios deixados pelas antigas sociedades humanas, bem como o ambiente em que eles foram produzidos, buscando compreender o passado, as relações e transformações sociais através desses objetos. O **arqueólogo** é o profissional que busca recuperar, conhecer e interpretar esses vestígios.

No Brasil, a **Arqueologia Pré-histórica** estuda os vestígios deixados por grupos anteriores a chegada dos Portugueses (anteriores a 1.500 anos), enquanto a **Arqueologia Histórica** pesquisa a ocupação posterior a esse período.

Como é realizada a pesquisa arqueológica?



Inicialmente é realizado um levantamento por meio de fontes documentais como livros, mapas, fotografias, bancos de dados e relatórios técnicos. A partir destes dados é elaborado um projeto de pesquisa, que é encaminhado para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que concede a permissão para a pesquisa através de publicação no Diário Oficial da União.

Após a obtenção da autorização, os pesquisadores realizam o levantamento dos sítios arqueológicos existentes na área de pesquisa. Nesta etapa são realizadas caminhamentos para observação de vestígios na superfície do solo e sondagens para pesquisa de artefatos no subsolo. Neste momento também é realizado o levantamento oportunístico, na qual obtém-se informação por meio de conversa com os moradores.



A partir da identificação de um sítio arqueológico, durante a etapa anterior, a área de escavação é definida pelo arqueólogo. Na escavação serão retiradas finas camadas de solo de acordo com a metodologia planejada, para encontrar os vestígios das ocupações antigas. Este processo é todo documentado por meio de fotografia, desenhos e cadernos de campo.

Os artefatos coletados nos sítio arqueológico são encaminhados ao laboratório para higienização, catalogação, análise e acondicionamento desse material, que é entregue a instituição de guarda (museus e reservas técnicas). É importante ressaltar que o patrimônio arqueológico deve ser salvaguardado em locais que são autorizados pelo IPHAN.



É de responsabilidade da equipe de arqueologia divulgar os resultados obtidos na pesquisa. Por isso, a Educação Patrimonial é uma etapa muito importante, pois é através das palestras, exposições e atividades educativas que a comunidade em geral entra em contato com a ciência arqueológica. Por fim, após a realização de todas as etapas de pesquisa, um relatório técnico é submetido ao IPHAN.

Você sabe quais foram as primeiras ocupações humanas da sua região?

Nas próximas páginas serão abordados os primeiros povoadores da região Sul do Brasil e como esses grupos chegaram a nossa região, que não são os descendentes de Europeus, mas sim grupos que chegaram aqui antes dos colonizadores. Observe que os grupos estão definidos como "Tradições", porque os arqueólogos costumam assim defini-las quando são observadas semelhanças entre os grupos na produção de objetos e sua distribuição no espaço.



Os primeiros povoadores

O continente Americano era ocupado a por diferentes povos indígenas antes da chegada dos colonizadores. Grupos humanos arcaicos surgiram na África Oriental há 2,5 milhões de anos, e se dispersaram na África, Europa e Ásia. A cerca de 150 mil anos surge a espécie *Homo Sapiens* (Homem sábio) que por volta dos 70 mil anos já começaram a dominar o planeta Terra e extinguir as demais espécies do gênero *Homo spp*, em função do desenvolvimento da linguagem e comunicação social.

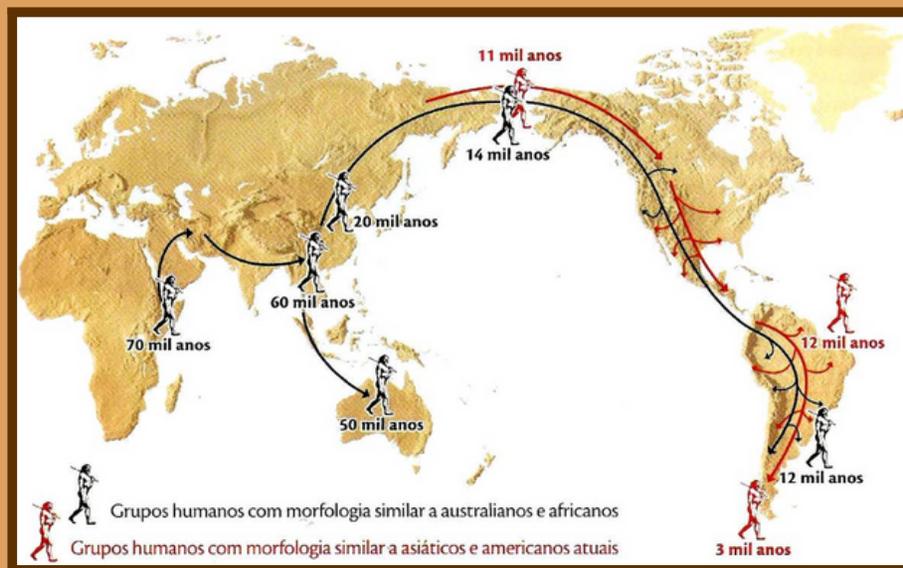
A Revolução Cognitiva (70 a 30 mil anos) foi fundamental para sua sobrevivência e expansão na Terra. Aos 10 mil anos os *Homo Sapiens* já eram a única espécie humana. Na América esses grupos chegaram a cerca de 16.000 anos.



Luzia, o fóssil mais antigo encontrado na América.

Foto: Divulgação/Acervo Coordcom.

Fonte: Jornal da USP (2018).



Movimentos migratórios antigos na América.

Fonte: Revista HCSM (SENE, 2013).

A teoria mais aceita sugere que esses grupos teriam cruzado da Ásia para a América pelas geleiras existentes no Estreito de Bering durante a última Era Glacial, também conhecida como "Era do Gelo".

Grupos Caçadores Coletores

Tradição Umbu

Os grupos de caçadores coletores da tradição Umbu se estabeleceram em diversas áreas, principalmente nas planícies do sul, sudeste e locais próximos da encosta do planalto, sua abrangência temporal vai de 300 anos antes do presente (A.P.) até 11.500 anos AP (RIBEIRO, 1990).

No Paraná podem ser identificados vestígios materiais desses grupos em diversas áreas do estado. Pesquisas têm identificado sítios arqueológicos próximos aos rios Iguaçu, Tibagi, Ivaí e Ribeira, além do litoral (PARELLADA, 2013).

Esses sítios foram encontrados a céu aberto e também em abrigos sob rocha, onde puderam ser observados locais para realização de atividades específicas, como a produção dos seus instrumentos através do lascamento das pedras.



Área de distribuição da Tradição Umbu.
Fonte: Arqueoeste Consultoria, adaptado Astolfo G. M. Araújo e Mercedes Okumura (2017).

Ainda no médio e baixo rio Iguaçu...

A **Tradição Bituruna** que é representada por sítios com grandes pontas de projéteis, além de grande variedade de raspadores, elaborados principalmente sobre lascas, microlascas e lâminas. Os artefatos foram produzidos por grupo de caçadores superiores com tecnologia adaptada, provavelmente, a um ambiente de savana ou cerrado, isso a 7.000 e 8.000 anos atrás.



Representação do modo de vida dos Caçadores coletores. Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte. Fonte: Carbonera (2015).

Instrumentos

Os artefatos eram utilizados para funções cotidianas dos grupos. Os mais típicos são as pontas-de-projétil (pedunculadas com aletas, triangulares ou foliáceas), seguidas de "chopping-tools", "choppers", bifaces, buris, raspadores, lesmas, etc.



Ponta de flecha.
Acervo Família Sivi.
Fonte: Carbonera (2015).



Instrumento bifacial.
Acervo Ceom/Unochapecó.
Fonte: Carbonera, 2015.



Ponta de lança.
Acervo Família Sivi.
Fonte: Carbonera, 2015.

Fabricação

Para fabricar um artefato lítico, são necessárias técnicas de lascamento, no caso destes grupos, era utilizada a percussão direta e a técnica de retoques por pressão, uma característica peculiar desta tradição.



Ilustração: Fabrício J. Nazzari Vicroski. Disponível em: <http://gemaambiental.com.br/identificado-um-sitio-arqueologico-em-passo-fundo-rs/>

Artes Rupestres

A arte rupestre é uma forma de manifestação executada em suporte fixo, como paredes, teto ou piso de grutas, cavernas, abrigos-sob-rocha ou lajeados, sendo classificadas como Pinturas (pictoglifos) e Gravuras (petroglifos).

Pinturas

As pinturas são produzidas a partir da mistura de um corante de origem vegetal ou mineral, de solvente (água) e um fixador (geralmente gordura animal e água), aplicados por aspersão, espátula, pincel ou dedos em uma superfície rochosa (ARNT, 2002). A maioria das pinturas rupestres conhecidas no Paraná estão localizadas nos vales dos rios Iapó e Tibagi, e seus afluentes, no alto rio Ribeira, nos vales dos rios das Cinzas, Jaguaricatu e Itararé, e ainda na escarpa de São Luiz do Purunã, próximo à Ponta Grossa, neste município Chmyz datou, em cerca de 7.800 anos A.P., um nível profundo de abrigo.



Circulo raiado, uma das pinturas rupestres do Abrigo Ponte do Rio Cajuru, Município de Sengés.
Fonte: Parellada (2010).



Gravuras rupestres do sítio Ouro Verde, Boa Esperança do Iguaçu, Paraná.
Foto: Parellada (2015).

Gravuras

As gravuras seriam uma forma não tão comum como as pinturas, com características de polimento ou picoteamento da rocha por fricção ou punção de material duro, podendo ter adição de água e areia com o abrasivo (ANRT, 2002). No estado do Paraná estão localizadas principalmente nas margens do rio Iguaçu e Paranapanema. Pesquisas no vale do baixo Iguaçu identificaram cerca de 500 gravuras no sítio Ouro Verde I, que data em 9040+400 anos A.P. no seu nível inferior, representando uma das ocupações mais antigas para o estado, relacionado a caçadores-coletores Umbu (PARELLADA, 2015). Ainda, parte dessas pinturas e gravuras rupestres, com datação entre quatro mil e duzentos anos atrás, parece estar relacionadas a povos Itararé-Taquara (PARELLADA, 2008).

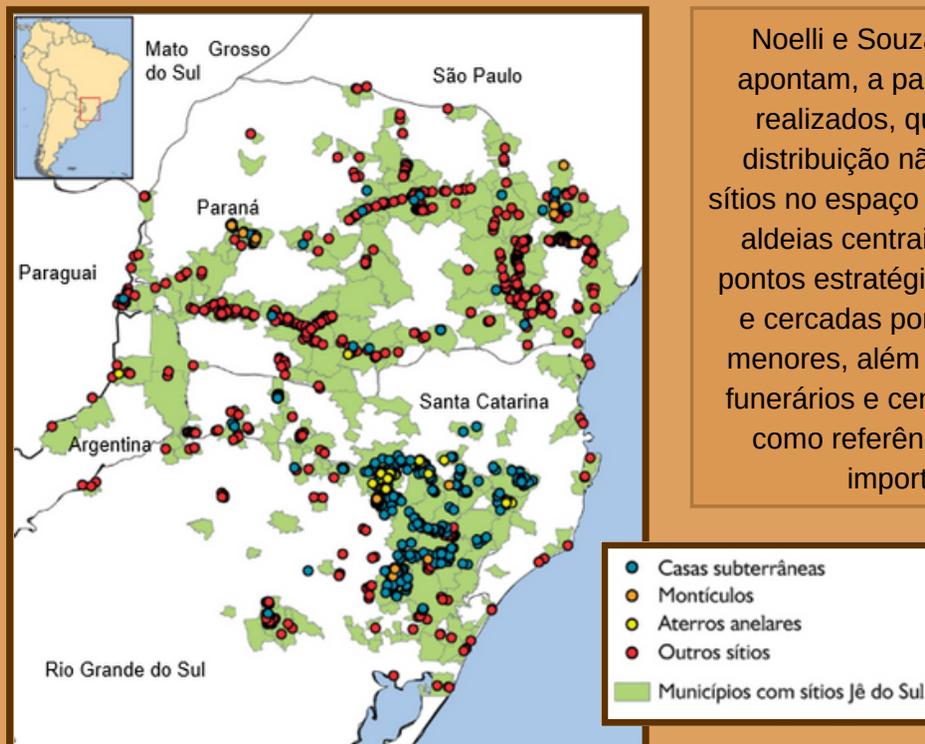
Grupos de Agricultores Ceramistas

Tradição Itararé Taquara

Grande parte das sínteses sobre a Tradição Itararé Taquara parece concordar que ela está associada aos povos ceramistas relacionados à família linguística Jê, que partindo do norte do Estado de São Paulo ocuparam o Brasil meridional por volta de 4.000 atrás. A ocupação desse grupo é evidenciada pela presença de diversos sítios em São Paulo, no planalto, na encosta e no litoral dos estados do sul do Brasil e na província de Misiones na Argentina (NOELLI, 1996).

No estado do Paraná, os sítios arqueológicos estão localizados preferencialmente nos vales dos rios Paraná, Iguaçu, Tibagi, Piquiri, Ivaí, e Paranapanema, na Serra Atlântica e no litoral (PARELLADA, 2013).

Os sítios localizados no planalto geralmente apresentam material arqueológico em campo aberto, em estruturas subterrâneas, provavelmente utilizadas como habitação, galerias, muros e montículos de terra, assim como a ocupação de abrigos-sob-rocha (RIBEIRO,1999).



Noelli e Souza (2017, p. 63) apontam, a partir de trabalhos realizados, que ocorre uma distribuição não aleatória dos sítios no espaço onde há “grandes aldeias centrais dispostas em pontos estratégicos da paisagem e cercadas por sítios-satélites menores, além de monumentos funerários e centros cerimoniais como referências territoriais importantes”.

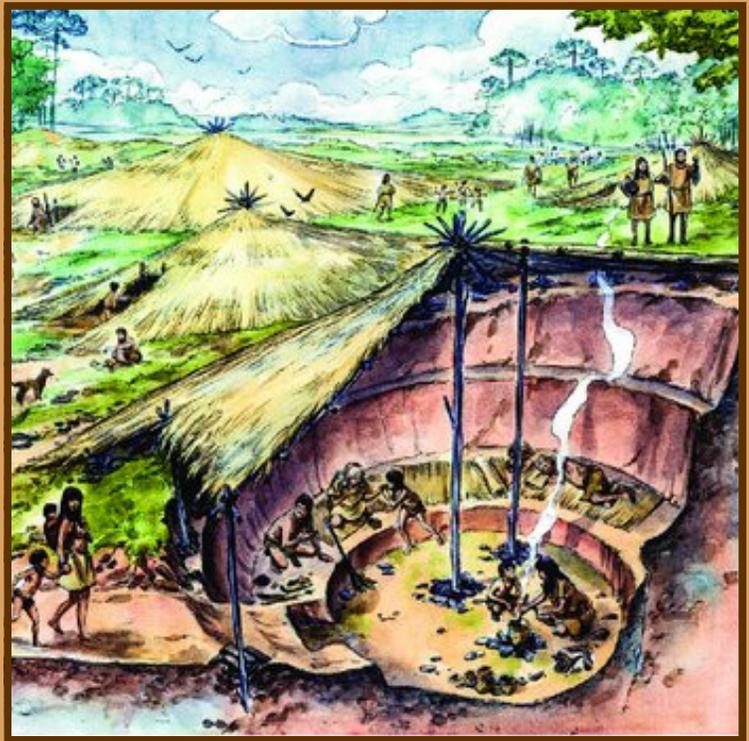
Mapa dos municípios com sítios arqueológicos Jê do Sul.

Fonte: Adaptado de Noelli; Souza (2017).

Estes grupos construía estruturas subterrâneas, que são buracos abertos no solo, utilizadas para habitação e proteção contra o vento e o frio no inverno. As estruturas subterrâneas são, geralmente, evidenciadas nas encostas dos morros, eventualmente no topo das elevações e na maioria das vezes a poucos metros de um curso d'água de pequenas dimensões.

Em algumas estruturas foram evidenciados, por meio de escavações arqueológicas, fogões. Esses fogões são compostos por agrupamentos de pequenas pedras e dentro deles, junto com pinhões calcinados, restos faunísticos e carvões, são encontrados artefatos cerâmicos e líticos (RIBEIRO, 1991). Assim, os fogões eram utilizados para o cozimento e aquecimento do ambiente, sendo a fumaça dispersada através de respiros laterais na parede.

No médio Iguaçu observam-se estas estruturas, conhecidas como de “buracos de bugres”, que podem estar associados a aterros com montículos e estruturas anelares (SOUZA, MARENCIO, 2013).



Representação de estrutura subterrânea.
Fonte: Copé (2015). Ilustração de Ana Luiza Koehler.

Esses aterros foram interpretados como túmulos por alguns arqueólogos que tiveram por base os estudos de Métraux (1963), que descrevem os sepultamentos de populações relacionadas à família linguística Jê.



Praça de cerimônias funerárias.
Foto de José Iriarte.
Fonte: Quinto (2016).

Cerâmica

A cerâmica associada à tradição é composta por potes e tigelas de pequenas dimensões, geralmente com superfícies alisadas, com aplicação de engobo negro e/ou vermelho e algumas com decoração impressa através de cestaria, pontas de unhas, incisões lineares, etc. Três técnicas eram utilizadas para a produção dos recipientes: a moldura no interior de um cesto até obter a forma desejada, a sobreposição de anéis ou roletes e o repuxe e modelagem da argila (SCHMITZ, 1991).



Vasilhame Cerâmico.
Foto: CEOM/Unochapecó



Fragmento de borda.
Foto: Bruna Schneider.



Vasilhame Cerâmico.
Foto: CEOM/Unochapecó



Mão de pilão
Foto: Bruna Schneider



Machado Semi-lunar
Foto: CEOM/Unochapecó



Percutor
Foto: Bruna Schneider



Quebra "coco"
Foto: CEOM/Unochapecó

Líticos

Os objetos líticos encontrados nesta tradição são os artefatos bifaciais com retoques, os artefatos unifaciais com marcas de uso, as lascas e os núcleos, além dos artefatos polidos, como as lâminas de machados e as mãos de pilão (SCHMITZ; BECHER, 1991). As matérias-primas utilizadas para a confecção desses artefatos são: o basalto, encontrado em grande quantidade no planalto, a calcedônia e o quartzo. As maiores inovações nas técnicas de lascamento aparecem na necessidade de aprimorar os resultados obtidos com a calcedônia e o quartzo, muito difíceis de lascar somente por percussão direta.

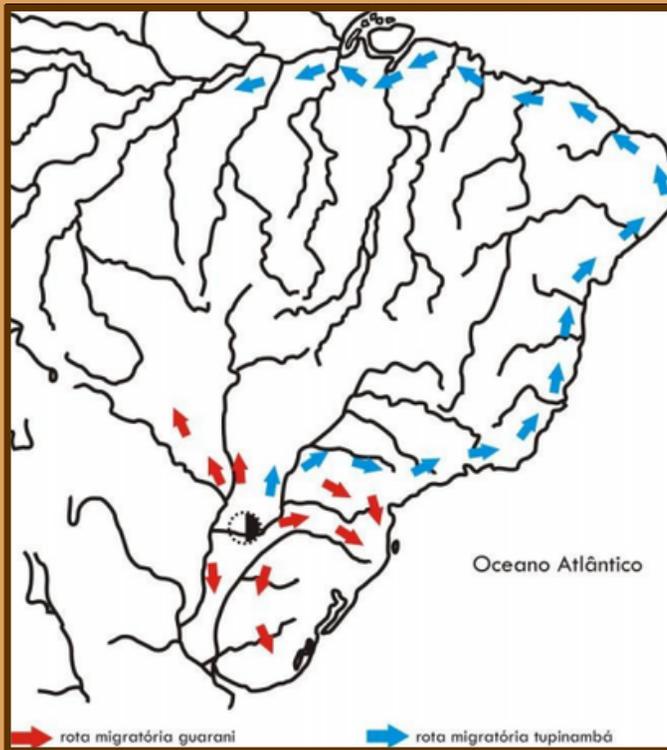
Grupos de Agricultores Ceramistas

Tradição Tupiguarani

Esta tradição está ligada ao grupo linguístico Tupi e teve origem na região amazônica há aproximadamente 2.500 anos A.P. A expansão Tupi-guarani aconteceu por meio de duas frentes: Os tupi pelo litoral brasileiro e os Guaraní, pelos três estados do sul do Brasil e avançaram até o Paraguai e a Argentina. Segundo Carbonera (2015), há aproximadamente 2.000 anos A.P. esse grupos começaram a se instalar no Sul do Brasil.

No estado do Paraná, os assentamentos Guaraní estão localizados em quase todo o território, com maior incidência nos vales dos grandes rios como o Paraná, Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Paranapanema e Piquiri (PARELLADA, 1999).

De acordo com Schmitz (1991), num primeiro momento eram constituídos por pequenas aldeias, sendo feitas roças ao seu redor e as aldeias eram distantes umas das outras e estavam localizadas longe dos rios, no limite entre da mata e o campo, em áreas de fácil mobilidade e abundância de caça, afastadas dos caçadores coletores da margem do rio. Mas com o crescimento populacional conseguiram competir espaço com os grupos de caçadores coletores, transferindo suas moradias para as várzeas dos grandes rios, com terras mais férteis e mais profundas, onde o rio proporcionava, além da pesca, um meio de locomoção, sendo possível manter aldeias maiores e duradouras.



Origem e rotas de expansão Tupi.

Adaptação de Metraux (1928). Fonte: Cruz (2008).

Estas aldeias eram compostas, por casas construídas com troncos e palhas, variando a quantidade de casas em cada aldeia. Em geral estavam localizadas ao longo dos grandes rios, próximas a pequenas nascentes e corredeiras, facilitando seu abastecimento tanto na questão de alimentos e água, como na obtenção de matéria-prima para a confecção de seus artefatos, seja ela argila das barrancas ou seixos do leito do rio.

No entorno das aldeias eram cultivadas roças com milho, mandioca, cabaças e abóboras, amendoim, uma ampla variedade de feijões, batata-doce, batata-inglesa e caruru. Schmitz (1991) destaca que esgotados estes recursos, eram procuradas novas áreas com características semelhantes localizadas à distâncias curtas, sendo estas roças abandonadas, em alguns casos posteriormente cultivadas por estes mesmos grupos.

Um dos principais elementos destes grupos é a cerâmica que é encontrada em grande número nos sítios arqueológicos, sendo confeccionada de formas e tamanhos variados pelas mulheres a partir da argila retirada das barrancas dos rios. Como antiplástico podiam ser misturados areia, óxido de ferro e chamote (fragmentos cerâmicos triturados e reaproveitados).



Vasilhame Cerâmico

Foto: CEOM/Unochapecó



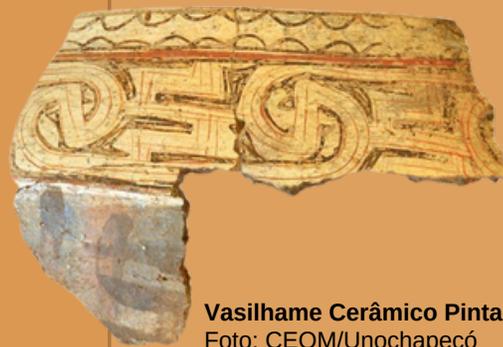
Representação do modo de vida dos Guaranis.

Desenho: Gerson Witte.

Os recipientes confeccionados eram utilizados no cotidiano da aldeia, seja para armazenar e servir a água, para preparação de bebidas fermentadas a base de milho e mandioca, e também para o cozimento de alimentos. Com a argila também eram confeccionadas contas de colares simples e cachimbos de diversas formas.

Cerâmica

A decoração das cerâmicas era variada. Na superfície externa algumas vasilhas tinham impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha ou eram lisas. Podiam ser pintadas em vermelho uniforme, ou com desenhos geométricos variados em vermelho ou preto sobre uma base branca.



Vasilhame Cerâmico Pintado.
Foto: CEOM/Unochapecó



Cerâmica Guarani com acabamento liso
Fonte: CEOM



Cerâmica Guarani com acabamento ungulado
Fonte: CEOM



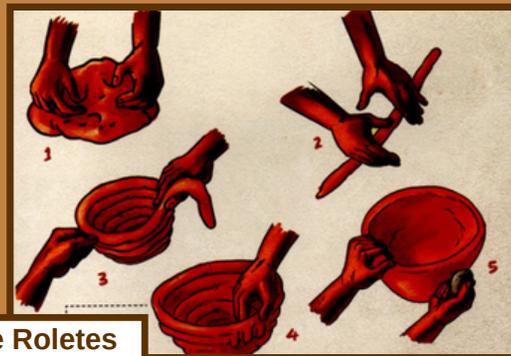
Cerâmica Guarani com acabamento corrugado
Fonte: CEOM

Cerâmica Guarani com acabamento pintado
Fonte: CEOM



Técnica de confecção

Depois da mistura de argila e antiplástico ser amassada, são confeccionados roletes, que são unidos e sobrepostos até atingir o tamanho desejado. A superfície é alisada para corrigir as irregularidades e sobre ela podia ser aplicada a decoração. Por fim é realizada a secagem e a queima da vasilha na fogueira.



Sobreposição de Roletes

Sequência de produção cerâmica.
Desenho: Marcos Bettú e Gerson Witte.
Fonte: Carbonera (2015).



Base de vasilhame cerâmico com resíduos alimentares carbonizados.

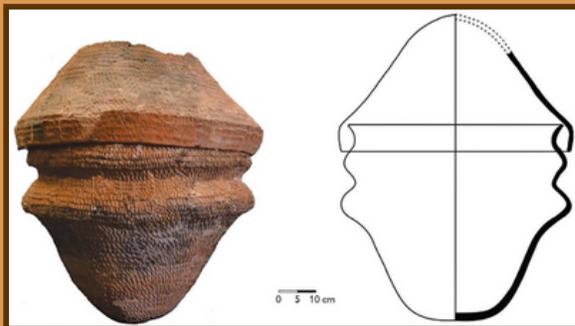
Foto: Bruna Schneider.

A recuperação de fragmentos cerâmicos com presença de fração carbonizada no fundo da vasilha, permite o estudo dos recursos alimentares do paleoambiente. Através dessas amostra, os restos alimentares são enviados para análise laboratorial permitindo identificar o que foi cozinhado e ficou queimado no recipiente.

Tratamento dos Mortos

As práticas funerárias envolvem dois tipos de enterramento: o Primário, onde o sepultamento é realizado diretamente no solo, e o Secundário onde os mortos são depositados no interior de Urnas Funerárias. Os recipientes cerâmicos maiores, depois de velhos e inutilizados, eram usados para o enterro de seus mortos, de modo que um recipiente menor era utilizado como tampa.

Devido a acides do solo na região, apenas os dentes e os ossos longos tem sido identificados nas escavações, em alguns casos acompanhados de utensílios e adornos, como colares, tembetás e outros vasos menores.



Reconstituição tecnomorfológica dos recipientes utilizados como urna e tampa.

Foto: Lourdeaul et al. (2016).



Escavação de Estrutura funerária.

Foto: CEOM/Unochapecó

Lítico

Em menor número, mas de grande importância para o desenvolvimento destes grupos, eram os artefatos confeccionados em pedra, com técnicas de lascamento unipolar e bipolar, e técnicas de polimento. Muitas vezes eram encontrados nas margens dos rios seixos naturais que eram utilizados para confecção de lâminas de machados e enxós para a derrubada do mato e o trabalho na madeira.

Também são encontradas lascas de diversos tamanhos e matérias primas, que poderiam ser utilizadas para cortar, raspar ou furar, auxiliando na confecção de outros instrumentos.

A técnica de polimento era utilizada para confecção das lâminas de machado e também para confecção de tembetás em forma de T, que eram utilizados como adorno pelos homens através de uma perfuração do lábio inferior



Instrumento Bifacial.
Foto: Bruna Schneider.



Lâmina de Machado.
Foto: CEOM/Unochapecó



Lâmina de Machado.
Foto: CEOM/Unochapecó



Tembetás. Acervo: Museu Municipal Pastor Paul Raminger (Mondaí/SC)
Foto: Mirian Carbonera

Os Módulos...

O conjunto é formado por quatro módulos, que buscam ilustrar todo o material didático abordado nesta cartilha, de modo a tornar a atividade de arqueologia lúdico-pedagógica através da expografia destes materiais.

A disposição dos módulos, junto a área exposta, deve ter o fluxo de pessoas iniciado junto do módulo do Grupo Caçador-coletor, seguido então para o módulo do Grupo Itararé-Taquara, passando pelo módulo do Grupo Guarani e por fim o que consta a maquete da Pesquisa Arqueológica. Esse fluxo está vinculado a sequencia cronológica dos grupos na região.



Módulo 1 - Os Grupos Caçadores-coletores

Explana sobre as primeiras ocupações humanas, onde viviam, as atividades que realizavam, os artefatos que produziam. Ainda, expõe alguns objetos representativos do grupo, em pedra lascada e bruta, incluindo pontas de flecha, raspadores, lascas retocadas, percutor lâminas e outros objetos bifaciais, como machado de mão. Na região temos a Tradição Umbu e a Tradição Bituruna.



Módulo 2 - Os Grupos Itararé-Taquara

Esse módulo explana sobre o grupo ceramista da Tradição Itararé-Taquara, ocupante das matas de araucária e construtor de casas subterrâneas. No módulo foram expostos fragmentos cerâmicos com espessura fina de diversas decorações, e também artefatos líticos polidos, mão de pilão e lâmina de machado para encabamento, e lascado, para trabalho nas atividades agrícolas.



Módulo 3 - Os Grupos Guarani

Explana sobre o grupo ceramista Guarani, ocupante das várzeas dos grandes rios e, assim como o módulo anterior, expõe objetos utilizados pelo grupo, com ênfase nesse módulo para a cerâmica, mais grossa, que além de decorações plásticas apresenta também pintura nos recipientes. Além do lítico lascado e polido, um quebra-coquinho foi adicionado ao módulo.



Módulo 4 - Pesquisa Arqueológica

Expõe a atividade de escavação e monitoramento arqueológico, que podem ocorrer em conjunto com a execução da obra. O objetivo é desmistificar que a arqueologia atrapalha o andamento dos empreendimentos. Ainda, mostra a localização dos sítios, geralmente junto a áreas planas e próximas de cursos d'água.

Sugestões de atividades

Os módulos entregues para as instituições foram elaborados com o intuito de promover atividades interdisciplinares na escola, por isso podem ser utilizados por todos os professores de forma integrada.

A partir de agora deixaremos algumas dicas de como utilizar o material, mas lembramos que todos os professores estão livres para planejarem de forma conjunta as atividades a serem realizadas com seus alunos, tanto antes como depois do contato com os módulos.

Por exemplo: O professor(a) de história pode trabalhar com o conceito de patrimônio cultural/arqueológico e também sobre os povos pré-coloniais do sul do Brasil, enquanto o(a) professor(a) de inglês pode trabalhar com traduções dos termos utilizados nas caixinhas, o(a) professor de artes pode trabalhar com a reprodução de cerâmicas e acabamentos nos moldes destes povos e o (a) professor de educação física pode fazer uma gincana que envolva este tema.

Atividades que podem ser realizadas antes da visitação aos módulos:

- Pesquisas na internet sobre arqueologia e os primeiros povoamentos da região;
- Assistir a documentários e filmes sobre arqueologia;
- Questionário de conhecimento prévio sobre arqueologia; (aplicar antes e depois)
- Solicitar aos alunos que desenhem o que compreendem sobre o assunto; (aplicar antes e depois)

Sugestão nº 1

Arqueologia experimental com Massa de Modelar

Público alvo: Entre 3 a 7 anos

Materiais: Massa de Modelar (a quantidade varia de acordo com a turma), 2 metros de papel Kraft e canetão para quadro.

Desenvolvimento da atividade: Colocar o papel Kraft no chão, separá-lo com uma linha desenhada ao meio, e escrever Caçadores Coletores de um lado e do outro Agricultores Ceramistas. Entregar as massas de modelar para as crianças, orientar a todos que devem modelar um dos objetos que viram na exposição. Aguardar tempo de modelagem. Solicitar as crianças que expliquem qual foi o objeto escolhido e informem a qual dos grupos aquele objeto pertence.

Tempo: 15 min.

Sugestão nº 2

Painel Arqueológico

Público alvo: Entre 7 a 14 anos

Materiais: Um painel preto de 2m x 2m, imagens impressas de objetos arqueológicos (coloridas), fita crepe para fixar as imagens no painel.

Desenvolvimento da atividade: Confeccionar o painel com uma linha ao meio especificar o lado dos caçadores coletores e o lado dos agricultores ceramistas. Entregar uma imagem de objeto arqueológico alusiva a um dos grupos humanos para cada aluno. Após, solicitar que um aluno por vez cole a imagem no respectivo local do painel.

Tempo: 30 min.

Sugestão nº 3

Produção Cerâmica

Público alvo: Entre 7 e 14 anos

Materiais: Argila (quantidade depende do tamanho da turma), palitos de madeira (para a decoração), saco de plástico tamanho grande (preto de lixo), e fita adesiva.

Desenvolvimento da atividade: Abrir os sacos plásticos ao meio e fixa-los no chão com a fita adesiva para realização da atividade. Entregar a argila para as crianças, orientar a todos que devem modelar os recipientes cerâmicos de acordo com uma das técnicas de confecção e decoração plástica apresentadas. Aguardar tempo de modelagem. Solicitar as crianças que expliquem qual foi o objeto escolhido e informem a qual dos grupos aquele objeto pertence.

Tempo: 20 min.

Sugestão nº 4

Painel Rupestre

Público alvo: Entre 5 e 12 anos

Materiais: Painél de Papel Kraft de 1m x 1m (quantidade depende do número de grupos formados), tinta guache nas cores vermelha, preta e amarela, pincéis, esponjas e as próprias mãos.

Desenvolvimento da atividade: Dividir a turma em grupos, entregar um painel por grupo. Nesse painel os alunos deverão, por meio de pintura, realizar a representação pictórica do cotidiano de um dos grupos pré-históricos. Após o termino das pinturas, solicitar aos demais grupos que interpretem a arte rupestre exposta e informem a qual dos grupos aquela atividade pertence. Todos os grupos deverão apresentar seu painel para debate e interpretação.

Tempo: 30 min.

Sugestão nº 5

Jogo da Forca

Público alvo: Entre 10 e 18 anos

Materiais: Quadro branco, canetão, bilhetes com pergunta relativas ao assunto, e um pote (para colocar as perguntas).

Desenvolvimento da atividade: Dividir a turma em dois grupos e sortear perguntas referente ao assunto, o aluno de um grupo faz a pergunta onde a resposta é uma palavra-chave que será a pergunta da forca. O grupo contrário precisa adivinhar qual é a palavra, como um jogo de forca normal.

Tempo: 30 min.

Observa-se que a intenção da atividade não é incentivar a concorrência, mas propor uma construção do conhecimento de forma coletiva.

Sugestão nº 6

Arqueólogo por um dia

Público alvo: Todas as idades

Materiais: Colher de pedreiro, pincel do tipo trincha, uma planilha de anotações, barbante, metro,.

Desenvolvimento da atividade:

- Simular uma escavação arqueológica;
- Simular o trabalho do arqueólogo em laboratório;
- Simular análise dos vestígios encontrados;

Tempo: 1 h 30 min.

Sugestões de leitura

APPADURAI, Arjun. The social life of things. Commodities in cultural perspective. Cambridge University Press, 1986. (tradução)

RAMÍREZ, Ismael. Cultura y Cultura Material: aproximaciones de los conceptos e inventario epistemológico. Anales del Museo de América, Madrid, v. 15, p. 217-237, 2007.

CALDARELLI, Carlos E. e CALDARELLI, Solange B. Política Ambiental e a Legislação relativa ao patrimônio cultural brasileiro. Anais do III Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente. Londrina, n. 1, p. 295-301, 1991.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). 1992. História dos índios no Brasil, São Paulo: Companhia das Letras.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "O nativo relativo". Mana, v. 8, n. 1, p. 113-148.

GORDON, Flávio. 2003. "Nossos Aipins são melhores do que os Outros". Revista Habitus, v. 1, n. 1.

ROSA, Francis Mary S. C. da. 2015. "A invenção do índio". Espaço Ameríndio, v. 9, n. 3, p. 257-277

ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. RJ: DP&A, 2003.

CHAGAS, Mario; ABREU, Regina. Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos. Editora Lamparina, Rio De Janeiro, 2009.

Sugestões de Áudio visual

Documentário "12.000 Anos de História - Arqueologia e Pré História do RS"

Narradores de Javé

A guerra do Fogo

As aventuras de Tadeu Jones (infantil)

Os Croods (infantil)

Referências

- ARNT, F. V. As Pinturas Rupestres como Testemunho de Ocupação Pré-contato em Tibagi, Paraná. Licenciatura em História. São Leopoldo: Unisinos, 2002, 67 p.
- BRASIL. Decreto Nº 9.238, de 15 de dezembro de 2017. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, remaneja cargos em comissão e substitui cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2017.
- BRASIL. Lei n. 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os Monumentos Arqueológicos e Pré-Históricos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 27 jul. 1961.
- BRASIL. Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 ago. 1981.
- BRASIL. Lei no 7.347, de 24 de julho de 1985. Disciplina a ação civil pública de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico (vetado), e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 jul. 1985.
- BRASIL, República Federativa. Constituição da república federativa do Brasil - 1988. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.
- BRASIL. Resolução CONAMA n. 001/1986. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 fev. 02. 1986.
- CARBONERA, M. Como era antes: O Patrimônio Arqueológico pré-colonial do oeste catarinense. São José/SC, 2015.
- COPÉ, S. M. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. Estudos Avançados, v. 29, n. 83, 2015.
- CRUZ, G. D. da. Lar, doce lar? Arqueologia Tipi na bacia do Ji-Paraná (RO). Dissertação de Mestrado. USP, São Paulo, 2008.
- IPHAN (Brasil). Instrução Normativa Nº 001, de 25 de Março de 2015. Estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 mar. 2015.
- IPHAN (Brasil). Portaria nº 159 de 11 de maio de 2016. Regulamenta os requisitos e procedimentos para celebração d Termo de Ajustamento de Conduta - TAC pelo IPHAN. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 mai. 2016.
- IPHAN (Brasil). Portaria nº 230 de 13 de julho de 2002. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2002.
- Jornal da USP. Crânio de Luzia guiou linha de pesquisa de laboratório da USP. Publicado em: 10 ago. 2018. Foto: Divulgação/Acervo Coordcom. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/cranio-de-luzia-guiou-linha-de-pesquisa-de-laboratorio-da-usp/>>
- LOURDEAU, A.; CARBONERA, M.; SANTOS, M. C. P.; HOELTZ, S.; FONTUGNE, M.; HATTÉ, C.; SILVA, S. F. S. M. da; ROSINA, P.; LUCAS, L. de O.; DA COSTA, A.; FOUCHER, C.; RAMALHO, J. Betarello; KUCZKOVSKI, F.; CAMPOS, J. B.; VIANA, S. A.; HERBERT, A. L. Pré-história na foz do rio Chapecó. Cadernos do CEOM, Chapecó, v. 29, n. 45, p. 220-242, dez. 2016.

- METRAUX, A. The Caingang. In: STEWARD, J. H. Handbook of South American Indians. *Cooper Square Publishers. Inc.*, New York, Vol. 1:445-475, 1963.
- PARELLADA, C.I. Arte Rupestre no Paraná: Novas Discussões. *Revista Tecnologia e Ambiente*, Dossiê IX Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sul, v. 21, n. 1, Criciúma, 2015.
- PARELLADA, C.I. Arqueologia do vale do rio Piquiri, Paraná: paisagens, memórias e transformações. *Revista Memorare*, Tubarão, v. 1, p. 24-42, 2013.
- PARELLADA, C.I. Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. *Revista Fumdhamentos VII*, p. 117-135, 2008.
- PARELLADA, C.I. Programa de Salvamento arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias/PR. Anais do Seminário Nacional de Produção e Transmissão de Energia Elétrica (15). Foz do Iguaçu: Itaipú Binacional, 1999.
- PARELLADA, C.I. Arqueologia dos Campos Gerais. In: MELO, M. S. de; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná. Ponta Grossa: Ed. UEPG, p. 163-170, 2010.
- NOELLI, F. da S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. In: Os Jê do Brasil meridional e a antiga)idade da agricultura: elementos da lingüística, arqueologia e etnografia. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: PUCRS, v. XXII, n. 1, P.13-25, 1996.
- NOELLI, F. S.; SOUZA, J. G. De. Novas perspectivas para a cartografia arqueológica Jê no Brasil meridional. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 12, n. 1, p. 57-84, jan.-abr. 2017.
- QUINTO, A. C. Arqueólogos reconstituem trajetórias e costumes dos povos Jê no Sul do Brasil. *Jornal da USP*, Foto de José Iriarte. Publicado em: 22 Ago. 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/arqueologos-reconstituem-trajetorias-e-costumes-dos-povos-je-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- QUINTO, A. C. Arqueólogos reconstituem trajetórias e costumes dos povos Jê no Sul do Brasil. *Jornal da USP*, Foto de José Iriarte. Publicado em: 22 Ago. 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/arqueologos-reconstituem-trajetorias-e-costumes-dos-povos-je-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- RIBEIRO, P. A. M. A Tradição Umbu no sul do Brasil. In: RIBEIRO, P. A. M. (Ed). Anais da V Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, Revistado CEPA, v. 17, n. 20, p. 129-151, 1990.
- RIBEIRO, P. A. M. Arqueologia do vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da FISC, v. 18, n. 21, 1991.
- RIBEIRO, P. A. M. A Tradição Taquara. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul: Livraria e Editora da UNISC, v. 23, n. 29, p.159-161, jan4un. 1999. SCHMITZ, P. I. O mundo da caça, da pesca e da roleta. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 05. Pré-História do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p.9-30, 1991.
- SCHMITZ, P. I.; BECKER, I. I. B. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. In: KERN, A. A. (Org.); JACOBUS, A. L.; RIBEIRO, P. A. M.; COPÉ, S. M.; SCHMITZ, P. I.; NAUE, G.; BECKER, I.I. B. *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 251-294.
- SENE, G. M. Caminhos pré-colombianos: migrações foram multiétnicas e descontínuas. *Revista História, Ciência e Saúde*. Publicado em mai. 2013. Disponível em: <<http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/caminhos-pre-colombianos-migracoes-foram-multietnicas-e-descontnuas/>>.
- SOUZA, J. G. de; MARENCO, F. T. A diversidade dos sítios arqueológicos Jê do Sul no Estado do Paraná. *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*, v. 10, n° 20. Pelotas: Editora da UFPEL, 2013, p. 93-130.

Preservação do patrimônio Arqueológico: você também pode fazer sua parte!

Você não precisa trabalhar num museu ou ser um arqueólogo para auxiliar na preservação do patrimônio arqueológico, por isso, se encontrar algum artefato arqueológico:



Não mexa ou retire do local.
A posição em que os objetos se encontram é essencial para a continuidade dos estudos.

Se possível, avise a prefeitura ou universidade mais próxima da sua cidade.



Entre em contato com o Centro Nacional de Arqueologia do IphanGovBr ou com a superintendência do IPHAN localizada em Curitiba/PR. Envie seu nome, endereço, dados pessoais, fotos e localização dos bens arqueológicos.



ISBN: 978-65-89384-22-9

CA



9 786589 384229